

Letrário**editora*

Fragmentos do Livro do Desejo

Casimiro de Brito

Junho 2008



Obi de Verão cor da terra enlaçado sobre um vestido liso, ocidental. Olha-me. Depois baixa os olhos. Um laço que se desfaz apenas com dois dedos e depois apenas com um, a ponta de um dedo, se toca num mamilo, que parece sorrir.

No interior de cada igreja, no íntimo de cada homem de religião o obstáculo ao entendimento é a sobreposição da vontade de dominação à vontade de servir, e cito, não sei de quem, de memória. No sexo também. Se exerces o teu poder gozas menos e dás menos gozo, se te deixas dominar, conduzir, manipular, a cama (a kama dos indianos, o prazer) será o paraíso e sair de lá o inferno. As «ilhas» com Lúria... O corpo a corpo, como diria Myah... O belo silêncio cheio de rumores, na boca de Izumi. Ensinei a umas o que aprendi com outras e mais parecemos uma comunidade de solitários que sorriem.

Uma mulher precisa de ter, precisa de sentir alguma coisa dentro de si e é natural que deseje antes de mais nada ter dentro de si o outro, o sexo de um homem. Ela sabia da minha história com Myah e doía-lhe aquela situação inesperada. Mas tinham-se envolvido numa longa viagem de Paris a Osaka, um havia caído na ratoeira de um encanto feito de realidades cruas e ele na surpresa de ter encontrado uma japonesa educada no Ocidente mas com alma, que ela de certo modo desconhecia ou recusava assumir, de gueixa. Não, ela não iria desistir tão facilmente de o trazer para dentro dela. Encontravam-se de longe em longe, uma vez em Tóquio, outra em La Coruña, agora em Viareggio, pois viviam em países diferentes e mantinham-se em contacto através de *mails*

e mensagens telefônicas. Mas ela, talvez por ser oriental, era mulher de poucas palavras e em todas elas metia a natureza e ele não sentia, apesar das suas dezenas de anos de uma espécie de orientalismo, ele não sentia no ouvido dela um campo propício para a sua imaginação febril. Mas encontravam-se, de meses em meses, desde aquela vez em que ela lhe tocou à porta do quarto de hotel, ao lado do seu, nas Termas de Montecatini, já em camisa de dormir, um algodão de uma só peça e o convidou a ficarem juntos. Ele aceitou – como podia recusar? – mas manteve-se quase imóvel, enquanto ela, a seu lado deitada, se despia lentamente e ele também, ajudado por ela embora tivesse apenas duas peças, umas cuecas e uma t-shirt e começaram então a acariciar-se com ternura (sobretudo dele) quando o que ela desejava era ternura, sim, mas seguida de uma foda vigorosa, que não aconteceu. O que ela desejava, e disse-o na sua lacrimosa voz oriental, era uma pressão, uma irrupção, era que ele saltasse para dentro dela e ele apenas lhe deu, naquela noite, uns dedos inventivos e uma língua amável cobrindo-lhe o corpo de carícias que para ela devem ter sido um misto de prazer e de dor, dessa dor-desejo de quando o outro não nos sacia, ou nos cobre apenas de palavras, explicações. Era como se a mente dele fosse apenas um carinhoso bloco de barro, e sentiu-o exactamente quando ela deitou o seu corpo pequeno sobre o dele à espera que ele a entusiasmasse, que aproximasse o sexo do seu, tão carente, havia-lhe dito na conversa da tarde, passeando no parque em volta do hotel. Mas ele o que fez foi mantê-la um pouco nessa posição e depois resvalá-la para baixo, beijá-la e mordê-la ao de leve nos ombros e nas ancas e nas coxas, empurrar com dedos calmos mas sábios a sua cintura e a sua cabeça, acariciando-lhe os cabelos negros e húmidos, até sentir a sua boca na barriga e depois à volta do sexo, pouco ou nada erecto, enquanto ela o olhava com o ar de quem queria outra coisa, uma tensão, uma consentida violação, e se sentava nas pernas dele e encostava o mínimo e escuro sexo dela ao dele tão fatigado. Decepção. Não estava fatigado mas desejoso, enfim, não muito, de ser lambido, e não era difícil ver que os seus desejos naquele momento se

desencontravam. E enquanto ele a puxava para o seu lado, e lhe beijava o pescoço e as faces e a boca, ela mantinha as pernas em cima da sua barriga, numa decepção consentida mas que carecia de uma palavra, que sobreveio, quando ele respondeu a uma pergunta simples – se não gostava do corpo dela? – que, não sendo monogâmico, havia outra, que acabava de estar uns dias com ela no norte da Noruega, que naquele momento a sua cabeça estava cheia da sua amiga árabe, de que já lhe havia falado, que havia de facto uma certa obsessão mas que a não repudiava, pelo contrário, sentia-se honrado com a atracção dela e quem sabe se um dia destes não estariam juntos em melhor situação. E ela respondeu que sempre quando ele quisesse e continuou a acariciá-lo e lambê-lo, apesar de não ter a resposta que merecia e que, embora não defendesse de modo nenhum a poligamia, aceitava que ele fosse assim e que sim, que esperaria outro momento a pontos de o convidar para ir a Pisa, a sua casa, e passar lá uns dias, fosse em que condição fosse. Que dele aceitava tudo sem desejar sequer saber que espécie de tudo viria dele.

A memória recente, de dias, doía. Eram imagens daquelas que se apoderam de um homem e não o deixam em paz um segundo: um pequeno morango mas não cheira a morango nem a morango sabe — pensava ele — sabe sim, e cheira, a maresia e depois está molhado, é um filho do mar, daquele mar ali diante do hotel, mas o mar que o invadia era, ao contrário, explosivo, um filho do mar esse animal vermelho que ruboriza quando lhe toco e mais ainda se passei os dedos pela saliva e agora parece uma flor sangrenta agora que passo a língua pelo animal em flor, flor marítima e o mordo devagar com leves dentes que subitamente se deixam fascinar ao mesmo tempo que ela fascinar se deixa pelo meu gato que nos seus dedos e depois na sua boca todo se eriça e endurece e um de nós dizia — nisso eu pensava, agora em Viareggio, deitado ao lado de Izumi — oh não, não

tenhamos pressa, as ondas vão e vêm, e isto é real, nós somos reais e de carne e de sonho e é natural que levemos horas e horas nestas visitas do mais íntimo de um ao mais íntimo do outro.

«Amo-te com uma paciência devoradora, dizia-me ela no dia em que fomos visitar os cedros. Com uma impaciência lenta e delicada. Moderas-me, transformas-me em luz palpável, tomas-me como sou, como sabias? É assim que gosto, que me desarrumes, que me mostres quem eu sou e não sabia.»

Uma camisa de algodão crua mística de uma peça só que tanto podia ser tirada por cima por dois dedos hábeis ou deixada cair se os seus ombros estreitos se adelgaçassem um pouco mais, não sei como mas foi assim que aconteceu como se despindo o símbolo da humildade (foi bater-me à porta assim vestida a perguntar se queria fazer-lhe companhia) o corpo nu e desamparado daí emergente revelasse outro grau mais profundo dessa mesma humildade ai de mim que a não esperava sob o meu olhar assim envolvida apesar dos gestos lentos por um fervor concentrado nos pontos negros do seu corpo as axilas o sexo as medalhas dos seios os cabelos intensos sob a luz indefinida de um candelabro Lalique — os olhos os mamilos e o tufo mínimo que lhe cobria o sexo pareciam uma anémone disse-te eu no dia seguinte depois de ter colhido pétalas que se reproduziam sob a minha homenagem à tua inesperada entrega — um corpo afinal desenvolvido nos cumes da cerimónia que ora iniciávamos um corpo liso e humilde que pouco a pouco se revelaria denso e cheio de muco e mel de frutas que derramavas nos meus joelhos no meu pescoço nas minhas axilas como se a tua nudez estivesse repleta de

vestidos sob vestidos que eu ia despindo ao mesmo tempo que da minha como se fosse um vaso um vaso vazio tu ias retirando sons cores cheiros segredos sob a forma do múltiplo desejo que me invadia o poço inteiro do corpo onde agora pareciam confundir-se ossos e músculos a pele e os cabelos a garganta e os testículos os porteiros terrestres de um sexo que acariciavas e lambias e titilavas e subvertias elevando-o ao céu deixando-o cair no solo ao abrigo de leis antigas de um caos que ali naquela cama e naquele chão se convertia em luz seca e indizível, e por isso a dizias de novo — e depois havia os ácidos perfumes que me faziam perder a cabeça o cheiro o sabor a frutos silvestres que vertias dos pés e das coxas e da vagina mais pequenina que já vi na minha longa vida e na boca inesperadamente escura como se fosse dela assim abandonada ao meu sexo quando a ela me entreguei que todo o caos do amor provinha — cruéis e delicadas fantasias de quem ama e depois disseste-me que não possuías homem há não sei quantos meses ou anos e falavas de concentração e derrame das forças vivas da natureza. Não sei. Nessa noite caída do céu em que penetrar-te foi apenas reconhecer-te entrando com a tua camisa imaculada no meu olhar dominaste a cena fizeste do meu corpo um campo de batalha um santuário xintoísta disseste-me no dia seguinte ou melhor na manhã dessa noite — pensei em Nara e em Quioto e em nós nessas montanhas sagradas e na purificação ritual Oharai e no sexo simbólico em celebração da boa colheita e na pedra que trouxe do santuário de Matsuo-taisha em que todo o chão desordenado ficou intacto e intacto permanece depois de que cada pé o pisa tal como o teu corpo intacto ficou quando ao meu se fundiu e nunca mais me abandonou. No dia seguinte faltei a tudo, havia uma leitura que foi adiada, desvendei-te pacientemente e não descobri traços do caminho que em ti ia levantando e que sempre iniciava no silêncio que fazias em teu redor apenas quebrado por uma respiração raramente ofegante essa mesma disseste-me depois que sustentas quando sobes às montanhas e nadas no alto mar e ainda que estivesse dentro de mim e eu dentro de ti era o silêncio claustral mesmo quando subitamente gemias ou

gritavas como se esse ruído fosse o de uma árvore rebentada por um raio. Pacíficos desregramentos? O grande vazio através de uma tempestade? Contigo há e não fiquei a saber como era e apenas te disse e me disseste. Há momentos de paraíso, recomeçemos.

— Nua, nunca. Com ninguém.

— Mas comigo?

— Nunca tirei o anel que me deste.

Fim



Letrário* *editora*

Az. Torre do Fato, 2 A, 1600-298 Lisboa

http://www.letreiro.pt/1_pt/900/9002.htm

+ 351 21 711 20 20

letreiro@letreiro.pt